

**NOSSA SENHORA DA PENHA DE FRANÇA: TRAÇOS ICONOGRÁFICOS E DEVOCIONAIS DA PADROEIRA DA CIDADE DE SÃO PAULO**

***OUR LADY OF PENHA OF FRANCE: ICONOGRAPHIC AND DEVOTIONAL FEATURES OF THE PATRON OF THE CITY OF SÃO PAULO***

***NUESTRA SEÑORA DE LA PEÑA DE FRANCIA: TRAZOS ICONOGRÁFICOS Y DEVOCIONALES DEL PATRONA DE LA CIUDAD DE SÃO PAULO***

**Leonardo Caetano de Almeida<sup>1</sup>**

**RESUMO**

Uma das invocações marianas populares que frutificaram no Brasil durante a União Ibérica foi a de Nossa Senhora da Penha de França. Essa devoção viabilizou, no decorrer dos séculos, o surgimento de uma gama iconográfica diversificada, desde o solo espanhol, passando por Portugal e chegando ao Brasil, permitindo-nos estabelecer um estudo iconográfico-iconológico comparativo das imagens da Virgem da Penha produzidas em tantos lugares e tempos distintos. No país, dentre seus santuários mais antigos e emblemáticos, está o da cidade de São Paulo. A imagem da Senhora – exemplar representativo da imaginária barroca seiscentista em pleno diálogo com os propósitos da Contrarreforma – encontra-se no bairro da Penha de França desde 1667. Em decorrência das epidemias de varíola e crises hídricas recorrentes nos séculos XVIII e XIX, Câmara e população paulistanas, já cômicas da fama miraculosa da referida imagem, acabam por aclamar Nossa Senhora da Penha, Padroeira da cidade de São Paulo.

**Palavras-chave:** Nossa Senhora da Penha; Padroeira de São Paulo; Iconografia; Devoção.

**ABSTRACT**

One of the popular marian invocations that flourished in Brazil during the Iberian Union was that of Our Lady of Penha de France. This devotion made possible, through out the centuries, the appearance of a diversified iconographic range, from Spanish soil, passing through Portugal and arriving in Brazil, allowing us to establish a comparative iconographic-iconological study of the images of the Virgin of Penha produced in so many places and distinct times. In Brazil, among its old est and most emblematic sanctuaries is the one in the city of São Paulo. The image of the Lady - a representative example of baroque imaginary from the sixteenth century in full dialogue with the purposes of the Counter-Reformation – has been located in the neighborhood of Penha of France since 1667. As a result of small pox epidemics and recurring water crises in the 18th and 19th centuries, the city council and population of São Paulo, already aware of the miraculous fame of the referred image, ended up acclaiming Our Lady of Penha of France as the patron saint of the city of São Paulo.

**Keywords** Our Lady of Penha de France; Patron of São Paulo; Iconography; Devotion.

78

**RESUMEN**

Una de las invocaciones marianas populares que dio sus frutos en Brasil durante la Unión Ibérica fue la de Nuestra Señora de la Peña de Francia. Esta devoción hizo posible, a lo largo de los siglos, el surgimiento de una diversa gama iconográfica, desde el suelo español, pasando por Portugal y llegando a Brasil, permitiéndonos establecer un estudio iconográfico-iconológico comparativo de las imágenes de la Virgen de la Peña producidas en tantos lugares y diferentes épocas. En el país, entre sus santuarios más antiguos y emblemáticos, se encuentra aquél de la ciudad de São Paulo. La imagen de la Virgen, ejemplo representativo del imaginario barroco del siglo XVII en pleno diálogo con los propósitos de la Contrarreforma, se encuentra en el barrio de Peña de Francia desde 1667. Debido a las epidemias de viruela y las recurrentes crisis de agua del siglo XVIII y XIX, la Câmara y la población de São Paulo, ya conscientes de la fama de milagrosa de la citada imagen, acaban aclamando a Nuestra Señora de la Peña Patrona de la ciudad de São Paulo.

**PALABRAS CLAVE:** Nuestra Señora de la Peña de Francia; Patrona de São Paulo; Iconografía; Devoción.

**ORIGENS: A Virgem que Habita no Penhasco**

A devoção a Nossa Senhora da Penha de França desenvolveu um percurso histórico interessante desde o mundo ibérico até sua chegada ao Brasil, particularmente à cidade de São Paulo, onde a Virgem é aclamada como Padroeira. Desse itinerário histórico, decorre uma gama iconográfica vasta e diversa, que nos permite constatar o quanto a imaginária

<sup>1</sup> Graduado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP) e Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC). Mestrando em História da Arte pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: lecal08@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5958-8038>.

relativa a Nossa Senhora da Penha foi pródiga na produção de exemplares escultóricos, dentre os quais destacamos aquele que se encontra na capital paulista desde 1667 e que, ao longo de quase quatro séculos, determinou a identidade iconográfica-iconológica dessa invocação mariana na capital paulista e para além dela.

Sabe-se que as origens dessa devoção remete-nos à Serra de Peña de Francia, ao sul da província de Salamanca, Espanha, onde foi erguido o primeiro Santuário de Nuestra Señora de La Peña de Francia. Segundo Padre Alberto Colunga OP (1990), em sua obra Santuário de la Peña de Francia, a tradição reza que naquele local foi encontrada a imagem da Virgem, que passou a ser denominada “Santa María de la Peña de Francia”. A escultura teria sido escondida nas grutas daquela serra há séculos para evitar sua profanação durante os conflitos travados entre cristãos e mouros.

De acordo com Colunga (1990, p. 21-23), um monge francês e peregrino, de nome Simón (Simão), abrigado num mosteiro franciscano, teria recebido uma revelação para sair em busca da referida imagem. Durante um episódio onírico, Nossa Senhora havia o admoestado com as seguintes palavras: “Simão, vela e não durmas” – razão pela qual o visionário passou a se chamar Simão Vela. Unido a um grupo de peregrinos rumo a Santiago de Compostela, partiu em sua busca. Motivado por outras revelações, Simão, em 19 de maio de 1434, encontrou a imagem da Virgem com o Menino aos braços. Diferentemente da iconografia de Nossa Senhora da Penha difundida em Portugal e no Brasil, em que Maria e o Cristo têm a pele branca, a rústica imagem encontrada por Simão, bem como aquela mais erudita (figura 1) que, séculos mais tarde, substituiu a primitiva, possuem feições negras.

Figura 1: Nuestra Señora de la Peña de Francia. Século XIX.  
 Autoria: D. José Alcobarro. Origem: Espanha. Madeira policromada, tecido  
 Santuário de Nuestra Señora de la Peña de Francia, Salamanca, Espanha.



Foto: Vera Lúcia Ermida Barbosa

Com a finalidade de perpetuar os feitos tidos como miraculosos observados na Serra da Penha de França, conforme afirma Colunga (1990, p.25-26), foi erigida ali uma modesta ermida que deu origem, mais tarde, ao Santuário, o qual, passados tantos séculos, continua a ser ponto importante de peregrinação cristã e encontra-se sob os cuidados dos dominicanos.

O culto a Nossa Senhora da Penha de França espalhou-se pela Europa, ganhando vigor em Lisboa, Portugal. Conforme conta-nos Megale (2008, p. 374), no século XVI, António Simões, entalhador, prometeu à Virgem confeccionar várias imagens de Nossa Senhora, caso voltasse para sua Pátria após a Batalha de Alcácer-Quibir. E assim o fez António, cumprindo seu voto. Com efeito, por sugestão do padre jesuíta Inácio Martins, a invocação representada na última imagem foi a de Nossa Senhora da Penha, a qual foi ofertada à capela erguida numa colina de Lisboa conhecida como Cabeço do Alperche.

A imagem que se venera na Paróquia da Penha de França de Lisboa se assemelha à de Salamanca pelo gestual e por carregar nos braços o Menino. Sua pele, porém, é mais clara e possui, além das vestes reais e da coroa, um cetro à mão direita. A história piedosa de um romeiro devoto que teria sido salvo do ataque de uma cobra graças ao aparecimento “milagroso” de um lagarto enviado por Nossa Senhora da Penha, relatada por Megale (2008, p. 375), é que principiou a representação iconográfica da Mãe de Deus acompanhada de um homem reclinado aos seus pés, junto a uma cobra e um lagarto.

A Virgem da Penha de França passou a ser invocada como especial protetora da cidade, particularmente após a peste que assolou Lisboa a partir de 1598. O *site* oficial da Paróquia da Penha de França de Lisboa (BASÍLICA SANTUÁRIO PENHA RIO, 2021) apresenta-nos que Nossa Senhora da Penha tornou-se uma devoção também muito apreciada pelos mareantes e navegadores, sobretudo porque sua igreja era a última que ficava à vista daqueles que, pedindo sua intercessão, partiam em viagem no período da expansão ultramarina portuguesa. Possivelmente a partir desse santuário lisboeta, a invocação mariana da Penha de França tenha chegado ao Brasil, por intermédio dos colonizadores, como veremos.

### PRIMEIROS ECOS NO BRASIL

Com efeito, a primeira referência a Nossa Senhora da Penha de que se tem registro no Brasil diz respeito ao Santuário erguido em sua honra em Vila Velha, na antiga Capitania do Espírito Santo, e remonta ao ano de 1558. Ocorre que a devoção lá cultivada por Frei Pedro Palácios, considerado fundador do famoso Convento da Penha, inicialmente, deu-se com a invocação de Nossa Senhora das Alegrias, muito apreciada pela espiritualidade franciscana e venerada num quadro instalado na primeira capelinha dedicada a São Francisco de Assis aos pés do morro onde seria erguido o futuro complexo do Convento, segundo Filho (2006, p. 80).

Mais tarde, com a construção da nova igreja no alto do penhasco, a Virgem, associada à geografia do lugar, começa a ser invocada como Nossa Senhora da Penha. Assim, a imagem de Nossa Senhora da Penha, encomendada por Frei Pedro Palácios e confeccionada em Portugal, é entronizada na igreja em 1570, tornando-se aquele espaço um importante centro de devoção e peregrinações. A imagem da Padroeira do estado do Espírito Santo é uma escultura de vestir:

“Existem duas versões sobre a estrutura original desta peça, uma que tivesse vindo completa e outra mais convincente, (...) é que tenha vindo somente a cabeça, com pescoço e colo, os braços articulados e as mãos, além do Menino Jesus em talha completa.” (FILHO, 2006, p.80). Atualmente, a peça (Figura 2) faz uso de uma túnica rósea e é recoberta desde a cabeça por um manto azul turquesa fixado pela coroa, a qual também garante estabilidade à cabeleira. Recordamos, aqui, que as cores das vestes da imagem são idênticas às da bandeira estadual. Assim como nas imagens da Virgem de Salamanca e de Lisboa, o Menino – que constitui uma peça à parte e também tem vestes e coroa próprias – repousa sobre seu braço esquerdo. A mão direita de Maria, neste caso, não carrega atributos e encontra-se à altura do ventre.

80

Figura 2: Nossa Senhora da Penha Século XVI. Autor desconhecido. Procedência: Portugal Madeira, imagem de vestir. Convento da Penha. Vila Velha, Espírito Santo.



Foto: Frei Róger Brunorio OFM

Na cidade do Rio de Janeiro, a devoção a Nossa Senhora da Penha de França remonta ao ano de 1635. A narrativa oral conta que o capitão Baltazar de Abreu Cardoso, proprietário de terras na Freguesia de Irajá, ao subir uma grande elevação (penhasco) para observar sua fazenda, viu-se ameaçado por uma serpente venenosa. Invoca, então, a proteção da Virgem Maria, de quem era grande devoto. Naquele instante, surge da mata fechada um lagarto que afugenta a serpente, livrando-o do perigo iminente. Acreditando num livramento concedido por Nossa Senhora, ergue-lhe uma capela, como gesto de gratidão, no alto do penhasco onde ocorrera o episódio, de acordo com informações colhidas no *site* do Santuário-Basilica da Penha do Rio de Janeiro (BASÍLICA SANTUÁRIO PENHA RIO, 2021). A história do milagre da Virgem do penhasco correu a cidade, atraindo um sem-número de devotos, os quais passaram a se referir a ela como Nossa Senhora da Penha.

A criação da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penha de França se deu em 1728, e ela foi a responsável pelas reformas e ampliações que a primitiva capela sofreu até ganhar a presente estrutura e se tornar o atual Santuário-Basilica, complexo bastante conhecido pela imensa escadaria esculpida na rocha e que dá acesso à igreja.

Segundo registros da Irmandade, acredita-se que a primeira imagem a ser venerada na Igreja da Penha do Rio de Janeiro foi a de Nossa Senhora do Rosário (devoção particular do capitão Baltazar), hoje preservada, bem como um retábulo do século XVIII, na sacristia daquele Santuário. A referida imagem do Rosário foi, ainda no século XVII, substituída pela imagem de madeira policromada de Nossa Senhora da Penha, que preside até os dias atuais o altar-mor da Basílica.

Figura 3: Nossa Senhora da Penha de França. Século XVII. Autor desconhecido. Procedência: Portugal. Madeira policromada, tecido. 84 cm (sem a base, com o monte e as figuras do homem e dos animais) Basílica/Santuário de Nossa Senhora da Penha de França. Rio de Janeiro, RJ.



Foto: Jussara Faria Cestari.

A Virgem da Penha do Rio de Janeiro (Figura 3) é representada em pé, com vestes reais e carregando o Menino Jesus no braço esquerdo e pisando em nuvens. Curiosamente, na escultura em questão, não é a Senhora quem leva o cetro na destra, mas o Cristo infante. Na mão esquerda, o Menino tem um orbe encimado por uma cruz dourada. A essa imagem foi acrescido um manto de tecido azul que a recobre inteiramente e, na base, um conjunto escultórico constituído por pequeno monte (penhasco) e pelas figuras do capitão Baltazar (com seu chapéu no chão) e de um lagarto e uma serpente (em enfrentamento), reproduzindo uma iconografia já estabelecida em diversas estampas, gravuras e santinhos impressos do século XIX e que perpetuavam o suposto milagre que principiou a devoção naquele lugar. Essa representação da Virgem, acompanhada das demais três figuras, que reverberou por todo o Brasil, aproxima-se muito daquela observada na Penha de França de Lisboa, a qual reproduz a tradição lendária do lagarto que salvou a vida de um devoto da Virgem.

Por sua vez, a conhecida Basílica da Penha da cidade do Recife tem seus primórdios históricos no ano de 1642, com a chegada dos primeiros capuchinhos a Pernambuco, vindos da França, os quais trouxeram consigo a devoção e a primeira imagem da Senhora da Penha.

Os capuchinhos franceses apoiaram os portugueses contra os holandeses e terminada a dominação o General-governador Francisco Barreto doou à ordem religiosa uma casa de sobrado, no bairro de Santo Antônio do Recife, em 1655, para que fossem construídas a Igreja de Nossa Senhora da Penha e um hospício. Em 1656, Belchior Alves e sua mulher Joana Bezerra, doaram aos capuchinhos um grande terreno, situado no lugar chamado de Fora de Portas de Santo Antônio, onde foram feitas as duas construções. (GALVÃO; RATIS, 2003).

De acordo com Melo (2021, p.80), a edificação da atual igreja, iniciada por volta de 1870, tem forte influência das construções religiosas de Veneto. Grande parte das esculturas, entalhes e baixos relevos da Basílica é de autoria de Valentino Bezarel.

A imagem de Nossa Senhora da Penha (Figura 4) que hoje se venera no altar-mor, provavelmente do século XIX, é de madeira policromada e representa Maria vestida como Rainha, carregando um cetro e com o Menino no colo. Ela está sobre uma rocha, tendo aos seus pés uma figura masculina representada com vestes de nobre e em estado de sono, além do jacaré (ou lagarto) – não sabemos se por influência iconográfica de Lisboa ou do Rio de Janeiro.

Figura 4: Nossa Senhora da Penha. Século XIX (provavelmente). Autor desconhecido  
Procedência: Itália. Madeira policromada; 1,22m. Basílica de Nossa Senhora da Penha. Recife, Pernambuco.



Foto: Frei Luiz de França, OFM.

### **A SENHORA DA PENHA EM SÃO PAULO: do penhasco periférico à padroeira da capital**

No Brasil, a imaginária relativa a Nossa Senhora da Penha de França variou bastante ao longo do tempo e pelas diversas regiões do território nacional. Embora tenhamos feito algumas referências aos seus outros santuários mais antigos e representativos no país, queremos nos ater àquele que se encontra na cidade de São Paulo, depositário de uma imagem seiscentista que é objeto de culto e veneração na capital paulista há mais de 350 anos e da qual passamos a tratar agora. Existem duas histórias acerca das origens da Igreja da Penha de São Paulo, uma lendária, parte do folclore paulistano, e outra histórica, embasada em um registro documental. Ambas remetem-nos ao século XVII.

A versão lendária, bastante difundida de forma oral há séculos e de maneira escrita nos manuais de piedade, ainda é muito cara aos devotos mais fervorosos. Essa narrativa faz referência a um viajante francês que, a caminho do Rio de Janeiro, pernitoou no outeiro onde se localiza o atual bairro da Penha de França no ano de 1667. Ele trazia consigo na bagagem uma imagem de Nossa Senhora da Penha de França proveniente de sua pátria. Na manhã seguinte, prosseguindo seu caminho, notou, já distante do local onde passara a noite, a ausência da imagem que lhe era tão cara. Voltando à sua procura, localizou-a na colina onde passara a noite. Tomando-a, seguiu viagem, mas o fato inexplicável se repetiu mais vezes. Homem profundamente piedoso e temente a Deus, compreendeu, naqueles sinais, que a vontade da Virgem era permanecer

sobre aquele penhasco. Dessa forma, o peregrino ergueu-lhe uma precária ermida, a qual deu lugar a uma igreja mais bem estruturada, em torno da qual se desenvolveu um povoado que viria a ser, mais tarde, a Freguesia de Nossa Senhora da Penha de França.

De acordo com Arroyo (2001, p. 176), o fato de a região da Penha da França no século XVII se tratar de um ponto de paragem para os viajantes e tropeiros que iam de São Paulo ao Rio de Janeiro ou ao Vale do Paraíba influenciou no desenvolvimento da lenda acima descrita. Também o fato de o peregrino da história ser francês parece uma tentativa de explicação do nome Penha de “França” (ainda que, sabemos, esse topônimo nada tenha a ver com o território francês e se refira, a bem da verdade, à serra localizada na Espanha, de onde essa devoção mariana se irradiou para o mundo). Cumpre ressaltar que tal enredo – da imagem que desaparece e se desloca, inexplicavelmente, para um mesmo lugar repetidas vezes – é bastante recorrente no repertório devocional mariano e na gênese de diversos santuários dedicados a Nossa Senhora nos seus mais variados títulos. Por sua vez, a versão histórica acerca das origens da capela, tomando por base documentos testamentais, reza que o Padre Jacinto Nunes de Siqueira, proveniente de família tradicional da região central de São Paulo, erigiu, em 1667, numa sesmária que lhe foi concedida no alto da referida colina, uma ermida pública em honra da Virgem da Penha, a qual originou, posteriormente, o Santuário (atual Santuário Eucarístico, chamado, tradicionalmente, “Igreja Velha da Penha”) e o bairro (de Nossa Senhora) da Penha de França: “povoado e capela, um só é o fundador, uma só é a data da fundação. A Penha de França – capela e povoado – foi fundada em data pouco anterior a 10 de fevereiro de 1667. Fundou-a o Padre Jacinto Nunes de Siqueira” (BOMTEMPI, 2001, p. 33).

As duas versões referem-se, por conseguinte, à chegada de uma imagem de Nossa Senhora da Penha de França (Figura 5), hoje preservada no nicho central da Basílica (popularmente denominada “Igreja Nova da Penha”), a qual se destaca na paisagem do bairro por suas grandes dimensões. Dessa forma, a imagem de Nossa Senhora encontra-se na Penha de França, conforme apresentamos, desde o ano de 1667, mas é possível que sua confecção seja anterior a esse ano. Não há informações sobre a procedência dessa escultura e o seu escultor e/ou carnador. Talvez ela já estivesse de posse de Padre Jacinto ou de sua família há bastante tempo (uma vez desconsiderada a possível origem francesa sugerida pela narrativa lendária). Nenhuma referência documental ou mesmo um estudo do suporte (o tipo de madeira) da efigie foram produzidos a fim de que pudéssemos atestar sua origem brasileira ou portuguesa ou, ainda, se teria sido confeccionada em território brasileiro por algum artesão português e com pleno domínio da erudição própria do Barroco de Portugal.

Figura 5: Nossa Senhora da Penha de França. Século XVII. Autor e procedência desconhecidos. Madeira dourada e policromada, tecido. 75cm. Basílica de Nossa Senhora da Penha. São Paulo, SP.



Foto: Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Penha. São Paulo, SP.

Com aproximadamente 75 cm de altura, trata-se de uma escultura em bloco único de madeira policromada e dourada, com olhos de vidro, fixa (sem articulações), representativa da imaginária do século XVII, em que constatamos frontalidade acentuada, com postura rígida, insinuando discreta movimentação corporal (sobretudo na perna direita) e das vestimentas. Ao longo dos séculos, já passou por processos de restauração (como no início da década de 1990) e sofreu algumas intervenções. Nela podemos pontuar como técnicas de ornamentação a carnação, o esgrafito e o relevo (*pastiglio*).

Ora, o relevo no estofamento é típico da estatúria do Barroco português (e só posteriormente adotado nos exemplares escultóricos da imaginária mineira). Isso nos leva a supor que, talvez, a imagem da Penha seja proveniente de Portugal. Contudo, sendo isso apenas um indicio, não podemos identificar de forma certa questões autorais ou de procedência da peça.

Temos nessa imagem uma representação de figura feminina em pé, pisando uma elevação a qual nos lembra uma rocha (penha), caracterizada com vestes e atributos (coroa e cetro) próprios da realeza e segurando uma criança, seu filho, no braço esquerdo. Os seus pés estão encobertos e ocultos pelas vestes e por um querubim. A Virgem Maria esboça um sorriso contido, com os lábios semicerrados, permitindo-nos perceber a existência de dentes na imagem. O olhar, voltado para a frente, sugere serenidade e acolhimento – expressões comumente encontradas na imaginária portuguesa e colonial brasileira dos anos 1500 e 1600 (e que revela certo apego ao estilo gótico). O Menino Jesus tem uma feição de alegria, bem como o querubim, que está aos pés de Nossa Senhora. Os olhos do Menino são de vidro, como os da Virgem; já o anjo, símbolo da pureza e da glorificação da Mãe de Deus, tem olhos esculpidos e pintados, com um olhar voltado para baixo. (Aliás, uma particularidade desse exemplar escultórico de São Paulo em relação aos demais que apresentamos neste artigo é, justamente, o anjo com feição pueril aos pés da Senhora, não existente nas imagens supracitadas). Na mão esquerda, Cristo carrega um pequeno orbe azul, representando a Terra e, portanto, a onipotência divina, que rege e reina sobre toda a Criação e o Universo. A mãozinha direita do Menino, ligeiramente fechada, sugere que, possivelmente, ele carregasse, como a Mãe, um pequeno cetro (hoje ausente).

Os cabelos castanhos de Nossa Senhora, levemente ondulados, recaem-lhe sobre os ombros e as costas, permitindo que as pequeninas orelhas fiquem à vista. Recobre-lhe inteiramente, desde a cabeça até a base da escultura, um manto de tecido branco bastante decorado e em formato triangular, já observado nos registros fotográficos mais antigos dessa efigie e nas estampas e gravuras relativas a ela nos séculos passados. Isso nos leva a crer que o manto, renovado de tempos em tempos, sempre esteve presente na imagem em questão e, da mesma forma que as coroas e o cetro, trata-se de um ex-voto ou oferta realizada pelos devotos como gratidão e manifestação laudatória à Padroeira.

84

Com efeito, na cultura hebreia em que viveu Maria, era costume as mulheres, em ambientes públicos ou quando distantes de seu cônjuge ou de sua parentela, manterem a cabeça recoberta por um véu. Essa prática foi bastante retratada pela arte renascentista nas representações de Nossa Senhora em diversos contextos ou ambientes. Já no Barroco (brasileiro) do século XVII, é comum observarmos imagens de Nossa Senhora com a cabeça descoberta, como em algumas obras de Frei Agostinho da Piedade. As imagens de Nossa Senhora da Penha, salvo raras exceções, como a que se venera na Igreja Matriz de Resende Costa – MG (Figura 6), apresentam a cabeça recoberta por um manto ou um véu branco. O exemplar da capital paulista, no que lhe diz respeito, não possui véu, mas, ao que tudo indica, sempre contou com o manto de tecido, fazendo as vezes do véu, segundo relatamos anteriormente. Sendo assim, pensando na classificação tipológica dessa escultura, podemos considerá-la como uma imagem de vulto de semi-vestir. Ademais, suas pequenas dimensões, o acabamento completo da peça (inclusive na parte posterior) e o olhar frontal levam-nos a supor que, possivelmente, não tenha sido produzida para ser retabular, mas para servir ao culto doméstico (e por isso, talvez, pertencesse ao padre Jacinto e sua família).

A coroa, que auxilia na fixação do manto à cabeça, e o cetro também foram substituídos em algumas ocasiões no decorrer dos anos. Na verdade, a presença de tais atributos – manto, coroa e cetro – ajudaram na cristalização de uma iconografia tipicamente paulistana de Nossa Senhora da Penha de França, perpetuada, ao longo dos séculos, em imagens, santinhos, gravuras, estampas, azulejos, mosaicos etc. que podem ser encontrados em igrejas, cemitérios, centros de documentação e ambientes domésticos.

Acerca da indumentária talhada na escultura, trataremos, inicialmente, da de Nossa Senhora. Ela veste uma túnica com tonalidade esverdeada e ornada com elementos fitomorfos estabelecidos pela técnica do esgrafito. Próxima à gola dessa túnica, em torno do pescoço, existe uma pintura a pincel representando uma discretíssima e delicada renda branca. Um manto azul marinho, também decorado com motivos fitomorfos e preso pouco abaixo do pescoço por uma espécie de broche envolve-lhe as costas e, diagonalmente, parte do tronco e dos membros inferiores. Sobre a cintura, uma cinta vermelha (talvez sugerindo sua maternidade virginal). O Menino, por sua vez, está vestido inteiramente com uma túnica em tom marrom claro, ricamente adornada com a técnica do esgrafito e “amarrada” por uma cinta vermelha à altura de sua cintura. Nota-se alguma desproporcionalidade do tronco em relação à cabeça de Jesus. O mesmo se observa em relação a Nossa Senhora. Na verdade, Maria e o Cristo infante são representados como figuras um tanto “atarracadas”. Agora, diferentemente da Mãe, o Filho tem os pés à vista, calçando sapatinhos vermelhos (talvez inseridos posteriormente por demonstrarem certa rusticidade se comparados ao restante da talha).

Figura 6: Nossa Senhora da Penha de França. Século XIX . Autor: Padre Antônio de Pádua e Costa.  
 Procedência: Resende Costa, Minas Gerais. Madeira policromada. Igreja Matriz de Nossa Senhora da Penha de França  
 Resende Costa, Minas Gerais.



Foto: André Eustáquio Melo de Oliveira.

É evidente que, como acontece em boa parte das imagens do período barroco, Maria não usa as vestes representativas de sua cultura e época. Os trajes e os atributos (cetro e coroas da Virgem e do Menino) próprios da realeza traduzem a linguagem característica do Barroco em conformidade com o pensamento decorrente do Concílio de Trento e da Contrarreforma, em que as imagens são uma resposta ao Protestantismo. Naquele contexto, particularmente no mundo ibérico, Nossa Senhora, revestida de feição e roupagem aristocráticas, era compreendida, então, como a grande Rainha e Imperatriz triunfadora à frente da batalha contra as heresias e os infiéis. Ora, a

defesa e a valorização das imagens, e portanto da arte que as produz, é a grande empreitada do barroco, que começa quando a Igreja, já certa de ter contido o ataque protestante passa à contra-ofensiva. (...) A Igreja quer manifestar na arte a origem e a extensão universal da própria autoridade (ARGAN, 2004, p. 56-57).

De fato, o Barroco consistiu na “arte de persuadir”, de modo que a imagem adquiriu um protagonismo impressionante como instrumento de difusão dos ideais que servissem à Contrarreforma, particularmente na arte ibero-americana.

Apesar da origem hispânica, a invocação da Virgem Maria como Senhora da Penha encontrou terreno fértil na América Portuguesa (como se constata também com outras devoções marianas espanholas: Nossa Senhora do Pilar, Nossa Senhora das Mercês, Nossa Senhora do Monte Serrat, Nossa Senhora da Cabeça etc.). Efetivamente, “algumas devoções entraram no Brasil durante os sessenta anos de união política de Portugal com Espanha (1580 a 1640)” (COSTA, 2017, p. 1984). E possivelmente, de São Paulo, a devoção à Virgem da Penha tenha sido irradiada (talvez levada por sertanistas, viajores e bandeirantes) para o interior do estado e para os sertões de Minas Gerais e outras regiões, uma vez que a colina da Penha de França, em São Paulo, no século XVII, era, como apresentamos, uma região de pouso para tropeiros e demais itinerantes na rota que os conduzia ao Rio de Janeiro, Mogi das Cruzes e outros tantos lugares.

De qualquer forma, em pouquíssimo tempo após o estabelecimento da primeira capela da Penha de São Paulo em 1667, a devoção à Senhora da Penha de França ganhou vigor e fama, notadamente depois tantos acontecimentos que a piedade popular atribuiu, como milagre, à Virgem do Penhasco, a qual foi acumulando um generoso patrimônio de bens e doações ofertados como ex-votos e gestos de gratidão pelos devotos, inclusive aqueles mais abastados que eram ali sepultados, beneficiando a Igreja em seus testamentos. Nesse sentido, o bairro, outrora conhecido como “Bairro dos Milagres” ou “Colina Santa”, passou a atrair milhares de fiéis de toda a cidade. Com efeito, segundo Alves, o culto aos santos e, sobretudo, à Virgem Maria.



assume características bastante peculiares, em que é possível até falar de uma “afetivização” desse culto, a partir do qual o santo participa de uma maneira mais humanizada da vida das pessoas: deixa de ser simples intermediário na graça ou milagre a ser alcançado, e compartilha “humanamente” dos temores, aspirações e alegrias dos fiéis. Em troca, recebe imagens, vestimentas, joias, altares e festas (ALVES, 2005, p.69).

A história de Nossa Senhora da Penha e da cidade de São Paulo se entrelaçam, sobretudo, no período das grandes e recorrentes epidemias de varíola (o chamado mal da “bexiga”) e de crises hídricas observadas na Capital e na Província durante os séculos XVIII e XIX, conforme nos lembra Arroyo (1954, p. 177-181). Nessas épocas de calamidade, a Câmara, em nome da população aflita, oficializava um pedido junto às autoridades eclesiásticas para que a imagem original de Nossa Senhora fosse transladada da Penha até a Sé Catedral, de onde a Mãe de Deus agiria em favor da cidade e da Província, cessando, milagrosamente, as secas ou pestilências – o que lhe rendeu o título de Padroeira da cidade de São Paulo por aclamação popular. O reconhecimento pontifício desse título veio mais tarde, em 1985, com o papa João Paulo II, através da Bula com a qual elevou a nova Matriz da Penha à dignidade de Basílica Menor.

Nas épocas em que se trasladava a imagem à cidade, conforme registra Martins (2003, p.381), ela era honrada com extraordinárias homenagens, inclusive durante o trajeto do traslado pelas avenidas Celso Garcia e Rangel Pestana. Todo o imenso fervor que se constituiu em torno de Nossa Senhora da Penha favoreceu que as festividades em sua honra, no dia 8 de setembro, chegassem a ocupar o posto de maior festa religiosa da cidade de São Paulo por muitos anos, gerando um intenso movimento de romarias e peregrinações, que influenciava no cotidiano da capital e em vários setores, como trânsito e transporte público, hotelaria, comércio, segurança pública, diversões profanas etc.

Sobre a importância e a influência da religiosidade – expressa sobretudo pelo culto à imagem, pelas festas, devoções populares e peregrinações que relatamos – na construção e manutenção da vida social e cotidiana, David Morgan (2018, p. 47) afirma que

imagens têm poder sobre seus observadores, entretanto, com resultados diferentes. (...) Segundo esse olhar, a empatia é uma faculdade que considera as imagens como algo entre o observador humano e o mundo além (...). Como faculdade projetiva, então, poderíamos dizer que a empatia seja um agente primário do encantamento.

Por fim, apresentamos alguns dados sobre a Freguesia de Nossa Senhora da Penha de França. Desmembrada da Sé de São Paulo, foi criada em 15 de setembro de 1796. Em 1909, a antiga Igreja Matriz foi elevada a Santuário, o primeiro da capital paulista. Em 1957, os Missionários Redentoristas, que estiveram à frente da Paróquia entre 1905 e 1967, lançaram a pedra fundamental da nova Matriz da Padroeira de São Paulo, concluída muitos anos depois e elevada à dignidade de Basílica Menor em 1985.

Atualmente, a Paróquia de Nossa Senhora da Penha encontra-se no território da Diocese de São Miguel Paulista e constitui um complexo religioso, em plena Região Leste da Metrópole paulistana, formado pelo primitivo Santuário e a Basílica de Nossa Senhora da Penha de França, ao lado da bissecular igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos – edificações repletas de singularidades e particularismos artísticos, históricos e culturais de grande valor.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Célio Macedo. **Um Estudo Iconográfico**. In: COELHO, Beatriz (org.). **DEVOÇÃO E ARTE: IMAGINÁRIA RELIGIOSA EM MINAS GERAIS**. SÃO PAULO: EDUSP, 2005, P. 69.

ARGAN, Giulio Carlo. **Imagem e Persuasão: Ensaio Sobre o Barroco**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARROYO, Leonardo. **Igrejas de São Paulo**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

BASÍLICA SANTUÁRIO PENHA RIO, disponível em: <<https://www.basilicasantuariopenhario.org.br/>>. Acesso em 09, nov. 2021.

BONTEMPI, Sylvio. **Penha Histórica**. São Paulo: Universidade Cruzeiro do Sul, 2001.

COLUNGA, P. Alberto. **Santuário de la Peña de Francia**. Salamanca: Editorial San Esteban, 1990.

COMO TUDO COMEÇOU. Disponível em: <<https://www.basilicasantuariopenhario.org.br/historia-de-nossa-senhora-da-penha>>. Acesso em 2 jul.2020.

COSTA, Neffertite Marques da. **As devoções portuguesa e espanhola na implantação do culto a Maria no Brasil**. In VIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 2017, Maringá. Anais. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/4064.pdf>. Acesso em 18 dez.2020.

FILHO, Attilio Colnago. **Senhora da Penha: ícone da fé quinhentista no Espírito Santo**. REVISTA FAROL, Vitória, n. 7, 2006. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/farol/article/view/11466/8040>. Acesso em 25 mar.2021.

GALVÃO, Lúcia Noya; RATIS, Salomé. **Da religiosidade canônica à popular: a Basílica da Penha do Recife, Pernambuco.** REVISTA INTERNACIONAL DE FOLKCOMUNICAÇÃO, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, jul. 2003. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/489/315>. Acesso em 8.abril, 2021.

MARTINS, Antônio Egydio. **São Paulo antigo: 1554 – 1910.** São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MEGALE, Nilza Botelho. **Invocações da Virgem Maria no Brasil.** São Paulo: Vozes, 2008.

MELO, Carlos Alberto Barreto Campelo de. **Explorando a Basílica Nossa Senhora da Penha, no Recife: incursões arquitetônicas e revelações artísticas.** In VIII EHA – ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 2012, Campinas. Atas. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2012/ATAS2012.pdf>. Acesso em 13 dez.2020.

MORGAN, David. **Images at work. The material culture of enchantment.** New York: Oxford University Press, 2018.

PARÓQUIA Penha de França – Histórico. Lisboa. Disponível em: <https://www.paroquiapenhadefranca.com/historia>. Acesso em 1º jul.2020.